

# O TÉCNICO IDEAL SOB O OLHAR DE ATLETAS DE VOLEIBOL INFANTO-JUVENIS

Marcelo Callegari Zanetti<sup>1</sup>; Tiago Nicola Lavoura<sup>2</sup>; Henrique Moura Leite Botura<sup>3</sup>;  
Afonso Antonio Machado

## RESUMO

O técnico esportivo ocupa lugar de destaque na condução dos programas esportivos, bem como, na formação educacional, principalmente, de crianças e adolescentes. Cabe também ao técnico o difícil papel de conquistar e manter estes jovens participando ativamente destes programas, o que só será possível se o mesmo possuir qualidades com as quais estes jovens atletas identifiquem-se. Pensando nisso, procuramos investigar as qualidades que um "técnico ideal" deveria possuir, segundo os próprios atletas, a fim de construir um perfil que contribua para maior taxa de adesão ao esporte infanto-juvenil. Participaram da pesquisa, 30 atletas, com idade entre 12 e 19 anos, que participavam regularmente de campeonatos regionais de voleibol em suas devidas categorias. Os dados foram coletados entre os dias 25 e 31 de julho de 2007, por meio de uma pesquisa de cunho descritivo, de acordo com os critérios da análise quali-quantitativa, com o objetivo de investigar as qualidades que um técnico ideal deveria possuir na visão dos(as) atletas, ficando a critério do(a) atleta apresentar como resposta até três qualidades. Como resultado, os(as) atletas apontaram as seguintes qualidades: ser paciente (20.3%), saber motivar (15.6%), ser persistente (14.1%), ser exigente (12.5%), ter experiência na modalidade (9,4%), ser amigo (7.8%), saber ensinar corretamente (6.3%), ser organizado (6.3%), ter confiança nos(as) atletas (4.7%) e ser educado (3.1%). As qualidades do "técnico ideal" apontadas pelos(as) atletas, corresponderam principalmente a atributos voltados para a orientação e aprendizado da modalidade, e, não para a participação em competições, o que sugere a necessidade de serem repensadas as condutas de alguns técnicos que creditam e atrelam a procura e permanência das crianças e adolescentes no esporte à participação em competições esportivas.

**Palavras-chave:** técnico ideal, motivação, esporte.

## ABSTRACT

The coach occupies one place of prominence in the conduction of the sportive programs, as well as, in the educational formation, mainly, of children and adolescents. The difficult paper also fits to the technician to conquer and to keep these young being participated actively of these programs, what it will only be possible if the same to possess qualities with which these young athletes identify themselves. Thinking about this, we look for to investigate the qualities that one "ideal coach" would have to possess, according to proper athletes, in order to construct a profile that contributes for bigger tax of adhesion to the youthful sport. They had participated of the research, 30 athletes, with age between 12 and 19 years, that participated regularly of regional championships of volleyball in its had categories. The dates had been collected between days 25 and 31 of July 2007, by means of a research of descriptive methods, in accordance with the criteria of the quali-quantitative analysis, with the objective to investigate the qualities that one ideal coach would have to possess in the vision of the athletes, being the criterion of the athlete to present as reply up to three qualities. As result, the athletes had presented the following qualities: to be patient (20.3%), to know to motivate (15.6%), to be persistent (14.1%), to be demanding (12.5%), to have experience in the modality (9,4%), to be friend (7.8%), to know to teach correctly (6.3%), to be organized (6.3%), to have confidence on the athletes (4.7%) and to be educated (3.1%). The qualities of the "ideal coach" pointed by the athletes, had mainly corresponded the attributes directed toward the orientation and learning of the modality, and, does not for the participation in competitions, what it suggests the necessity to be rethink the behaviors of some coaches that credit the search and permanence of the children and adolescents in the sport to the participation in sportive competitions.

**Key-words:** Ideal coach, motivation, sport.

## INTRODUÇÃO

Para Butler (1997) e Smith e Smoll (1996) apud Antonini-Philippe (2003), a relação treinador-atleta é de extrema importância para o rendimento esportivo, e mais especificamente para a satisfação

interpessoal do atleta. Visão esta que também é compartilhada por Weinberg e Gould (2001), que acreditam que uma alta coesão social, vivenciada pelo técnico e seus atletas pode proporcionar um clima mais saudável e amigável dentro da equipe.

Antonini-Philippe (2003) considera ainda que a relação técnico-atleta acaba se operacionalizando como uma interdependência afetiva e/ou emocional, no qual, muitas vezes, os atletas constroem sentimentos pelos seus técnicos como: respeito, estima, admiração e apreço, que podem facilitar em muito a relação entre ambos.

Líderes simpáticos e experientes também tendem a favorecer altas taxas de adesão e motivação dos participantes em programas esportivos e/ou de atividade física, além de proporcionar um maior conforto psicológico (WEINBERG; GOULD, 2001). O que também é sugerido por Chelladurai (1990) e Lenti (1996) que consideram que a motivação efetiva, elemento crucial dentro de qualquer equipe, flui da relação entre os profissionais e os alunos/atletas, no qual, a interação pode levar a uma maior motivação e ao equilíbrio da coesão do grupo, possibilitando maior aderência dos membros para o estabelecimento e cumprimentos de seus objetivos, sejam individuais ou sociais.

Neste sentido, Murcia, Gimeno e Coll (2007) consideram o técnico um dos grandes responsáveis na condução deste processo, já que o mesmo pode auxiliar os atletas na orientação de suas metas, fazendo com que estes sejam mais persistentes, despendam maiores esforços e conseqüentemente tenham maior rendimento. Machado (2006) acredita ainda que o técnico é o principal responsável pela aprendizagem da criança, tendo por função orientá-las e corrigi-las, dar motivos para que as crianças possam desempenhar o seu papel da melhor maneira possível e como agente facilitador, ajudar a criança nas relações interpessoais com os outros companheiros do grupo.

Os técnicos esportivos, como líderes de suas equipes, são também, ou deveriam ser, os grandes motivadores dos atletas, no que tange às ações no esporte. Para a compreensão da motivação, pode-se citar o trabalho de Thomas (1983), que afirma que esta é traduzida como um interesse, um ímpeto, um instinto, uma necessidade ou desejo. Ainda, de acordo com Machado (2006), a motivação exerce influência direta na definição de decisões tomadas pelos seres humanos, comprometendo positivamente ou negativamente o resultado da ação.

Neste sentido, os professores de educação física e técnicos esportivos devem cotidianamente motivar seus alunos e atletas em situações de aula ou treino, para que as execuções das tarefas tenham o dispêndio de ativação equilibrado e necessário para o sucesso na realização das ações. Gouvêa (1997) também considera que na relação ensino-aprendizagem, em qualquer ambiente, conteúdo ou momento, a motivação constitui-se um dos elementos centrais para sua execução bem-sucedida. Portanto, pode-se supor que sem motivação não há comportamento humano ou animal.

Embasado neste sentido, o professor ou treinador de equipes competitivas também deve buscar entender o motivo que leva o aluno/atleta a praticar uma aula ou atividade física, entendendo este motivo como a “mola propulsora” responsável pelas ações do ser humano. Motivo este, que para Gouvêa (1997), é definido como um fator interno, que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa.

Também, é importante que os técnicos fortaleçam a coesão grupal dos envolvidos no entorno esportivo, fazendo com que os mesmos se concebam como uma equipe, e não como um mero grupo de praticantes do esporte. Weinberg e Gould (2001) também salientam que existe uma grande diferença entre grupo esportivo e equipe esportiva. Para estes autores, um grupo não é necessariamente uma equipe, embora esta última seja sempre um grupo, em que os objetivos são compartilhados e comuns, devendo seus membros depender e apoiar uns aos outros, interagindo entre si, incorporando elementos de interdependência.

Ainda para Weinberg e Gould (2001), os grupos esportivos são formados em instâncias coletivas, que até compartilham os mesmos gostos, se identificando em certos aspectos, podendo, até, formar uma identidade coletiva, mas não necessariamente este grupo tenha os mesmos objetivos compartilhados e os esforços unidos, para os seus cumprimentos. Para que um grupo venha a se tornar uma equipe, efetivamente, são necessárias características estruturais, as quais se destacam os papéis sociais e as normas do grupo.

Mesmo assim, a identificação do grupo, em algumas peculiaridades, principalmente quanto às dificuldades que os mesmos encontram para conciliar: treinos individuais, trabalhos, estudos, e outros compromissos, que, são citados, pelos participantes, como objetos de reconhecimento e superação,

fazendo com que, quando os mesmos se encontram, os unam, positivamente, e partilhem dos mesmos interesses (WEINBERG; GOULD, 2001).

Ainda com relação ao direcionamento de ações que envolvem técnicos esportivos e atletas, é importante que os técnicos reforcem positivamente nos atletas, suas capacidades e crenças positivas, de que possuem competência e habilidade para determinadas ações no esporte. Tais percepções de competência, evidenciadas por Cruz (1996), acabam por elevar os níveis de motivação intrínseca, fazendo com que os atletas permaneçam envolvidos e dediquem mais esforços na atividade em voga, experienciando estados afetivos mais positivos, os quais acabam por promover e manter a percepção de competência pessoal, satisfazendo a necessidade de maestria dos indivíduos.

O técnico também desempenha um papel de extrema importância no processo de formação dos jovens, conforme apontam Moreno e Machado (2004), que consideram que a postura dos jovens atletas em buscar, de maneira desesperada, a possibilidade de realização de suas expectativas, encontra na prática esportiva, muitas vezes, focada na figura do técnico esportivo um meio de materializar esta possibilidade.

Weinberg e Gould (2001) também creditam aos pais e a família das crianças grande responsabilidade no direcionamento dos mesmos à atividade esportiva, no qual, as orientações aos objetivos das crianças são significativamente relacionadas àqueles adotados por seus pais, ou seja, muitas vezes, o pai tenta fazer do filho aquilo que ele sempre sonhou, mas, nunca conseguiu. Estes autores consideram que os pais podem desempenhar um papel altamente positivo e/ou altamente negativo na experiência esportiva das crianças. Porém, um grande desafio para as pessoas envolvidas com esportes juvenis (principalmente técnicos e dirigentes) é identificar as formas precisas com que os pais podem afetar positivamente a experiência das crianças e encorajá-los a empregarem essas práticas, e, por outro lado, identificar ações negativas e facilitar os esforços para eliminá-las.

Mas, para Johnson (2003), ainda hoje inúmeras equipes e dirigentes avaliam o sucesso dos técnicos pelo número de vitórias e derrotas. Tendência esta, que tem sofrido (ou ao menos deveria sofrer) algumas mudanças, principalmente no esporte infanto-juvenil, considerando o bom técnico como aquele que consegue recrutar e manter um grande número de atletas e/ou alunos nos programas esportivos, diminuindo assim os altos índices de sedentarismo encontrados nesta faixa etária. Neste sentido, a visão do atleta em relação à postura de seu técnico configura-se como crucial na determinação do que é um técnico de sucesso, ou quais atributos o “técnico ideal” deveria possuir. Porém, para este mesmo autor, ainda há uma grande carência de estudos que tratam sobre as percepções dos atletas em relação às qualidades ideais de seus técnicos, o que tem levado os estudos a basear-se principalmente nas relações de liderança empresarial, a fim de construir tal perfil.

Pensando nisso, este estudo teve como principal objetivo investigar as qualidades ideais que um técnico esportivo deveria possuir na concepção de atletas de voleibol infanto-juvenil, de ambos os sexos. Este trabalho justifica-se pela escassez de pesquisas envolvendo o tema, bem como, a importância destes achados para o aprimoramento das ações envolvendo o esporte, os jovens, os técnicos e dirigentes esportivos.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Participaram da pesquisa, 30 atletas (18 mulheres e 12 homens), da cidade de São José do Rio Pardo – SP, com idade entre 12 e 19 anos ( $14.5 \pm 1.5$ ) e que participavam regularmente de campeonatos regionais de voleibol em suas devidas categorias, promovidos pela Associação Pró Voleibol, com sede na cidade de Porto Ferreira - SP. Os dados foram coletados entre os dias 25 e 31 de julho de 2007, de acordo com a ética de pesquisa envolvendo seres humanos, resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde de 10/10/1996.

Esta pesquisa, de cunho descritivo (THOMAS; NELSON, 2002) foi realizada de acordo com os critérios da análise quali-quantitativa, na qual, os dados foram tabulados, e apresentados em valores percentuais, seguidos de uma leitura descritiva dos mesmos.

Foi adotado como instrumento um questionário composto por uma única questão aberta, com o objetivo de investigar as qualidades que um técnico ideal deveria possuir na visão dos(as) atletas, ficando a critério do(a) atleta apresentar como resposta até três qualidades.

## RESULTADOS

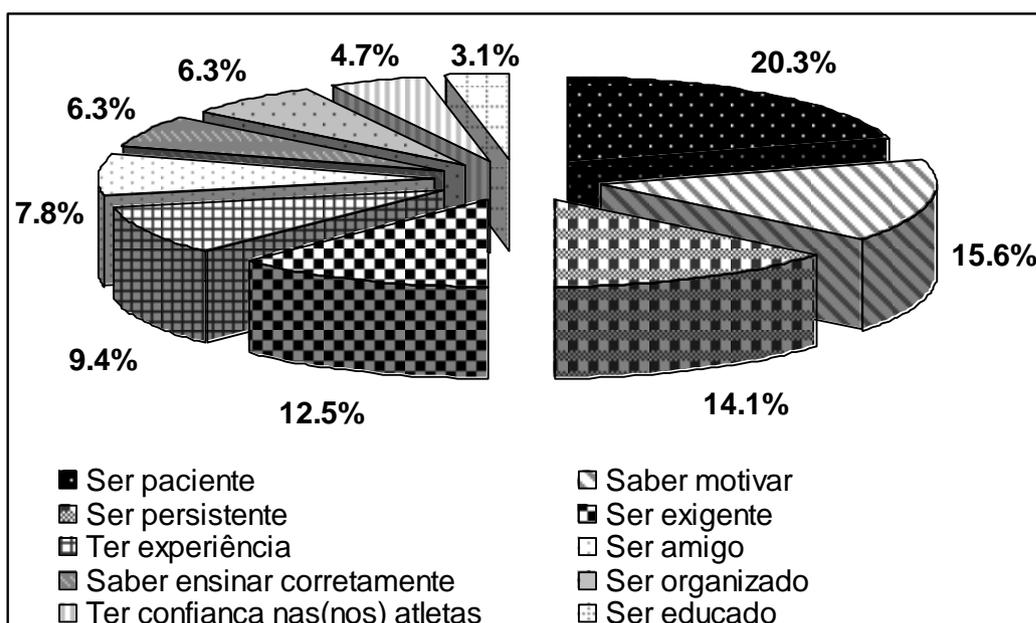
Como resultado, os (as) atletas apresentaram as seguintes qualidades que um “técnico ideal” deveria possuir: ser paciente (20.3%), saber motivar (15.6%), ser persistente (14.1%), ser exigente (12.5%), ter experiência na modalidade (9.4%), ser amigo (7.8%), saber ensinar corretamente (6.3%), ser organizado (6.3%), ter confiança nos (as) atletas (4.7%) e ser educado (3.1%) (Figura 1).

Ao analisarmos os resultados, pudemos verificar que os (as) atletas, apontaram como qualidades do “técnico ideal”, quase que em sua totalidade, atributos voltados para a orientação e aprendizado da modalidade, e, não para a participação em competições, o que sugere a necessidade de serem repensadas as condutas de alguns técnicos que creditam e atrelam a procura e permanência das crianças e adolescentes no esporte à participação em competições esportivas. Estes achados parecem estar de acordo com os encontrados por Zanetti, Lavoura e Machado (2007), Weinberg e Gould (2001) e Juan, Montes e Suárez (2007), que verificaram que atletas infanto-juvenis participam de atividades físicas/esportivas principalmente para se divertir e não para competir, o que faz com que estes atletas atribuam ao “técnico ideal” qualidades com as quais haja convergência com seus motivos e razões para tal prática.

Porém, Johnson (2003) encontrou importantes diferenças entre a percepção do técnico ideal entre os gêneros, nos quais, os indivíduos do sexo masculino preferem técnicos com perspectivas mais voltadas para a competição e a vitória do que as do sexo feminino, o que não foi investigado no presente estudo. Oliveira, Voser e Hernandez (2004), ao estudar a preferência dos estilos de liderança no futebol e futsal constataram que os atletas preferem um treinador que saiba orientá-los adequadamente durante os treinos e jogos, saiba apoiá-los socialmente e reforçar positivamente suas ações, bem como, tenham uma postura mais democrática em relação as suas ações e decisões.

Segundo Machado (2006), cabe também ao técnico a chamada à razão e as condutas ao raciocínio lógico, de maneira a permitir que todos possam analisar e assumir as melhores opções diante das propostas oferecidas ou criadas. Para este mesmo autor, a maturidade e a possibilidade de ter maior experiência para dirigir o grupo, em atitude de liderança indiscutível, faz do técnico a pessoa respeitada e respeitadora que é, tornando esta figura ímpar no momento esportivo. Já, para Johnson (2003), a personalidade do técnico pode não ser uma preditora de desempenho, porém, a mesma deveria ser compatível com a dos atletas que o mesmo trabalhará, facilitando o relacionamento e promovendo um ambiente mais sadio e coeso, principalmente socialmente.

**Figura 1** - Qualidades apontadas para o técnico ideal.



## CONCLUSÕES

Atualmente diversas camadas da sociedade têm atribuído ao esporte e a atividade física, um papel de destaque na formação educacional, social, cultural e na aquisição de maior qualidade de vida e saúde, principalmente pelas crianças e adolescentes. A bandeira do esporte vem sendo levantada cada vez mais, principalmente por nossos governantes, como alternativa para a redução dos índices de criminalidade, ascensão social e superação dos índices de miséria vivenciados por milhões de crianças e adolescentes ao redor do mundo. Porém, o que temos visto é que, muitas vezes, o esporte não tem atendimento bem as expectativas de nossa atual sociedade, já que, cada vez mais, verificamos uma fuga precoce das crianças e adolescentes das praças e centros esportivos, talvez, pelo emprego de competições esportivas mal-estruturadas para nossos jovens, que se preocupam apenas em selecionar os “mais aptos”; talvez, pela inexperiência ou má formação de nossos professores de educação física, técnicos e dirigentes esportivos, que enxergam na vitória a qualquer custo de seus atletas e equipes a chance de ascender pessoal e profissionalmente; ou, até mesmo pelos avanços tecnológicos e exigências dos pais e da sociedade, que fazem com que esses jovens se tornem cada vez mais atarefados academicamente e sedentários precocemente.

Pensando em tudo isso, a tarefa dos profissionais (professor de educação física, técnicos e dirigentes esportivos) envolvidos com o esporte, principalmente os de iniciação, parece árdua e difícil, no qual, as soluções mais viáveis passam por uma maior formação de nossos profissionais e pelo emprego de condutas que tornem o esporte mais prazeroso e significativo para estes jovens. Dentre essas condutas, poderíamos destacar: a necessidade de conhecimento prévio por parte destes profissionais, sobre as razões que levaram e levam estes jovens a procurar e permanecer praticando tal modalidade esportiva; o emprego de estratégias que mantenham um clima amigável e saudável entre técnicos e atletas, e, atletas e seus pares; o emprego de estratégias que façam estes jovens atletas sentirem-se competentes ao realizar as atividades propostas; entre outras condutas, que contribuam efetivamente para diminuir os altos índices de abandono dos programas de iniciação esportiva.

Tais mudanças se tornam fundamentais para que o esporte alcance as mudanças tão esperadas por nossa sociedade, sejam elas no âmbito educacional, social e cultural. Só assim, o esporte ocupará efetivamente o papel de destaque e valor que lhe é devido.

## REFERÊNCIAS

- ANTONINI-PHILIPPE, R. La proximité dans la relation entraîneur-entraîné. In: **Communications affichées/ACAPS O3**, p. 1-2, 2003.
- CHELLADURAI, P. Leadership in sports: a review. **International Journal of Sport Psychology**, v. 21, n. 4, p. 328-354, 1990.
- CRUZ, J. F. Motivação para a prática e competição desportiva. In: CRUZ, J. F. **Manual de psicologia do desporto**. Braga: Lusografe, 1996.
- GOUVÊA, F. C. Motivação e atividade esportiva. In: MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte: temas emergentes I**. Jundiaí: Ápice, 1997, p. 167-191.
- JOHNSON, J. S. **Differences in Male and Female Athletes and their Perceptions of an Ideal Coach with respect to Locus of Control, Competitiveness, Goal-orientation and Win-orientation**. University of Wisconsin (Master of Science Degree in Applied Psychology with a concentration in Health Psychology), 2003.
- JUAN, F. R.; MONTES, M. E. G.; SUÁREZ, A. D. Análisis de las motivaciones de práctica de actividad física y de abandono deportivo en la Ciudad de La Habana (Cuba). **Anales de psicología**, v. 23, n. 1, p. 152-166, 2007.
- LENTI, F. Motivating young athletes. **Coaches' Corner**. Gatorade Sports Science Institute, 1996.
- MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- MORENO, B. S.; MACHADO, A. A. O simbolismo inconsciente de jovens atletas frente à figura do técnico esportivo. **Movimento & Percepção**, v. 4, n. 4/5, p. 18-27, 2004.

MURCIA, J. A. M.; GIMENO, E. C.; COLL, D. G. Young athletes` motivational profiles. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 6, p. 172-179, 2007.

OLIVEIRA, J. L.; VOSER, R. C.; HERNANDES, J. A. E. A comparação da preferência do estilo de treinador ideal entre jogadores de futebol e futsal. **Lecturas Educación Física y Deportes**, 10(76), 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd76/lider.htm>>. Acesso em 20 fev. 2008.

THOMAS, A. **Esporte**: uma introdução à Psicologia. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1983.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZANETTI, M.C.; LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A.. Motivação no esporte infanto juvenil. II Congresso de Ciência do Desporto e I Simpósio Internacional de Ciência do Desporto. In: **Anais do II Congresso de Ciência do Desporto e I Simpósio Internacional de Ciência do Desporto**, Campinas, p. 1, 2007.

---

<sup>1</sup> Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro; Departamento de Esportes e Cultura – São José do Rio Pardo; Academia Conexão Saúde.

<sup>2</sup> Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro; Universidade Vale do Rio Doce, Faculdade de Ciências da Saúde.

<sup>3</sup> Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro; Médico colaborador do Ambulatório do Jogo Patológico e Outros Transtornos do Impulso (Amjo) Instituto de Psiquiatria da FMUSP.

<sup>4</sup> Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro; UNESP – Rio Claro; ESEF – Jundiaí; UNIANCHIETA – Jundiaí.